

GT COMPARA PROPOSTAS SOBRE CONTRATO DE TRABALHO

Na reunião de 15/9 o Grupo de Trabalho que estuda modificações no contrato docente comparou resultados de algumas simulações sobre formas de contrato de trabalho.

Antes de mais nada, o secretário-executivo da Fundação São Paulo, padre Rodolpho Perazzolo, reafirmou o caráter não-deliberativo do GT e esclareceu que a carta publicada no PUCviva 922, foi resultado de uma consulta feita aos membros do GT, com exceção da APROPUC, que concordaram em assiná-la como coletivo.

Sobre as diversas hipóteses estudadas até agora se constatou que a proposta apresentada ao Consun em 2011 onerava a folha em aproximadamente 7%. Tal proposta, atualizada e incluindo Sorocaba oneraria a folha em 4,8%. Já a proposta que foi aprovada pelo Consun onerava a folha em 11%. Agora atualizada e

incluindo Sorocaba, representaria um aumento de 8,3% na folha. A simulação encomendada pelo padre Rodolpho Perazzolo resultou em um aumento de 5,5% na folha. Essa simulação previa contrato de ensino 7hs atividade para contrato TP- 12; 12hs atividade TP- 24 e 20hs para TT - 40. Para os contratos com ensino/pesquisa 14hs atividade equivaleriam a 30 contratuais e 16hs atividade 40 contratuais.

Outra questão examinada foi a respeito do número de orientandos por orientador nos Programas de Pós. A CAPES indica o máximo de 8 por orientador. Temos hoje um número maior de orientandos por orientador. Levantou-se a ideia de que cada orientador tenha 10hs de orientação correspondendo a uma faixa de 3 a 8 orientandos. Assim, por exemplo, um programa com 60 alunos em orientação teria 6 contratos de 10 h para cobrir ori-

entação. Restou a questão de como trabalhar caso o programa tenha mais orientandos.

A desobstrução da carreira também foi discutida com base na tabela fornecida pela DRH que reproduzimos abaixo.

Sobre a aposentadoria, levantou-se a questão da necessidade de estabelecimento de uma limitação de contrato a 10hs e cobertura do convênio médico pela instituição, ou exercício de atividade desvinculada da carreira. Foi citado novamente o limite de ida-

de de 75 anos como referência. Foi apresentada a pirâmide de idade por faculdade, por departamento para avaliação do impacto que uma medida desse tipo ocasionaria nos diferentes setores.

Os Diretores participantes do GT estão realizando reuniões extras para elaborar propostas e formas de enfrentamento dos temas arrolados. O próximo encontro do GT ocorre na segunda-feira, 29/10, quando avaliação docente, controle da atividade docente e plano de carreira serão discutidos.

DISTRIBUIÇÃO DOS PROFESSORES POR CATEGORIA NA FOLHA DE PAGAMENTO	TITULAÇÃO REAL DOS DOCENTES
427 auxiliares de ensino	54 graduados 58 especialistas 180 mestres 126 doutores 6 pós-doutorados 3 livres-docentes
180 assistentes mestres	83 doutores 1 pós-doutorado
369 assistentes doutores	30 pós-doc 27 livres docentes
110 associados	15 pós-doc 17 livres docentes

APROPUC, 38, firme na luta

Fundada em 25 de setembro de 1976, a Associação dos Professores da PUC-SP (APROPUC) completa agora 38 anos de lutas, coerentemente na defesa dos professores da Universidade, dos trabalhadores em geral, dos direitos humanos, do ensino público e gratuito e de uma sociedade democrática, justa e igualitária.

Ao longo de todos esses anos, a Apropuc sempre esteve presente e atuante nas negociações salariais e das condições de trabalho, nos debates sobre projetos acadêmicos e universitários, na resistência ao processo de mercantilização do ensino e na oposição às visões reacionárias e obscurantistas focadas na desconstrução de valores que marcam a história da PUC-SP.

Protestamos contra a invasão do campus pela PM em 1977, fizemos greve conjunta com os funcionários para repor salários em 1985, mobilizamos toda a comunidade para defender a autonomia da universidade na crise financeira de

1992, denunciemos as demissões de 888 professores e funcionários em 2005 e 2006, protestamos na nova invasão do campus pela PM em 2007, ingressamos com inúmeras ações coletivas na Justiça do Trabalho para preservar as conquistas dos professores.

Agora, mais do que nunca, a atuação da Apropuc é imprescindível: convocamos todos os professores e professoras para cerrar fileiras na defesa dos nossos contratos de trabalho, não podemos aceitar que aconteça uma nova maximização, não podemos permitir que ocorram demissões daqueles que dedicaram suas vidas para a instituição, não podemos compactuar com essa gestão incompetente e inconsequente de uma Reitoria imposta, ilegítima, antidemocrática.

A PUC-SP precisa de outro rumo para um destino melhor! A Apropuc está na luta! Vamos juntos!

Diretoria da APROPUC

AFAPUC esclarece funcionários sobre processo dos quinquênios

Na assembleia dos funcionários, realizada na terça-feira, 16/9, a diretoria da AFAPUC, juntamente com os advogados do Sindicato dos Auxiliares de Administração Escolar de São Paulo (Saaesp), Fernando Pires Abrão e Beatriz Cristina Visini, esclareceu as dúvidas dos trabalhadores sobre o processo que envolve os quinquênios dos funcionários, denunciados em 2006.

Conforme já era do conhecimento, os funcionários saíram vitoriosos do embate, não restando mais possibilidades de recurso à PUC-SP. São aproximadamente 500 trabalhadores que deverão receber diferenças referentes a quinquênios não creditados

nestes oito anos. A justiça decidiu que a aplicação da regra que limitava o número de quinquênios a três só poderá ser aplicada aos funcionários que ingressaram na universidade após julho de 2006, os restantes terão que receber como já vinha sendo pago anteriormente à denúncia.

O Saaesp pediu à Fundação que enviasse os valores que cada funcionário recebeu durante o período para que se pudesse calcular quanto cada um tem direito. Porém, as informações fornecidas pela Fundação São Paulo estavam, em boa parte dos casos, incompletas.

O Sindicato recorreu à Justiça, que deverá determinar o envio de novas in-



HELENA BORGES

Funcionários participam da assembleia da AFAPUC

formações para efeito de cálculo. Esse procedimento feito pelo Saaesp demandará a utilização de um profissional contábil para o recálculo. Este deverá cobrar, em média, R\$ 200 para efetuar o cálculo individual de cada montante devido. Esses valores, em princípio, deverão ser arcados pelos funcionários interessados.

Cada trabalhador interessado na revisão de seus cálculos deverá fornecer ao Sindicato: 1) Cópia da Carteira Profissional (páginas

contendo o registro profissional de trabalho e todas as atualizações salariais promovidas); 2) Cópia dos holerites de julho e agosto de 2006; cópia dos holerites de março e abril de 2014.

Os advogados do Saaesp se comprometeram a voltar à PUC-SP nas próximas semanas (em data a ser anunciada pela AFA-PUC) para apresentar a cada funcionário os valores informados pela Fundação sobre cada caso.

Pagamento do abono do PLR deve ser efetuado até 15/10

A AFAPUC também informou na assembleia, sobre o pagamento dos valores referentes ao abono previsto na Participação nos Lucros e Resultados, cuja data limite para pagamento é 15/10. Os diretores da associação colocaram que foram informados pelo secretário-executivo da Fundação São Paulo, padre Rodolpho Perazzolo, que os valores para pagamento do abono previsto na normatização do PLR já estão provisionados, porém a Fundação está investigando se, pelo caráter filantrópico da instituição, terá mesmo que pagar o tributo.

Para Fernando Abrão, o fato de a PUC-SP ser filantrópica não muda a situação, pois outras fundações sem fins lucrativos já efetuaram o pagamento. O abono deverá ser pago até o dia 15/10, na razão de 24% dos salários brutos de professores e funcionários.

O pagamento foi acordado entre os Sindicatos de Professores e de Auxiliares de Administração Escolar e o Sindicato das Entidades Mantenedoras de Estabelecimentos de Ensino Superior, entidade da qual Fundação São Paulo, mantenedora da PUC-SP, faz parte.

PUCViva

Publicação da Associação dos Professores da PUC-SP e da Associação dos Funcionários da PUC-SP.

Editor: Valdir Mengardo

Reportagem: Marcela Reis, Marina D'Aquino e Anna Gabriela Coelho

Fotografia: Marina D'Aquino

Projeto Gráfico, Edição de Arte e Editoração: Valdir Mengardo e Ana Lúcia Guimarães

Conselho Editorial: Maria Beatriz Abramides, João B. Teixeira, Hamilton Octavio de Souza e Victoria C. Weischardt

Apropuc: Rua Bartira 407 – CEP: 05009-000 – Fone: 3872-2685.

Afapuc: João Ramalho 182, 7º andar – Fone: 3670-3391.

PUCViva: 3670-3391 – **Correio Eletrônico:** pucviva.jornal@uol.com.br – **PUCViva na Internet:** www.apropucsp.org.br

As matérias assinadas não expressam necessariamente as posições das entidades e da redação.

Debate discute Faixa de Gaza, Imperialismo e Resistência



FOTOS MARCELA REIS



Acima a mesa que discutiu imperialismo e revolução; ao lado o ato-debate sobre internacionalismo e resistência

A APROPUC e a Revista Luta de Classes organizaram na terça e quarta-feira, dias 16 e 17/9, dois atos-debate sobre a atual conjuntura da Palestina, devido à ofensiva de Israel na Faixa de Gaza, que colocaram em questão o imperialismo e o internacionalismo nos dias atuais. O evento, que não teve sala concedida pela reitoria, visto que esta "não pode tomar partido a favor ou contra" a situação dos palestinos, aconteceu às 19h, no auditório 333 da PUC-SP Campus Monte Alegre, em ambos os dias. A pedido da Apropuc, a Fundasp liberou o espaço para a realização do debate, após a negação da reitoria.

No primeiro dia de debate estavam presentes: Lúcio Flávio de Almeida, do Núcleo de Estudos de Ideologias e Lutas Sociais (NEILS); Virgínia Fontes, do Programa de Pós Graduação em História na Universidade Federal Fluminense (UFF); Simone Ishibashi, do Comitê Editorial da Revista Luta de Classes; Erson Martins, do Partido Operário Re-

volucionário (POR). Já no segundo dia, participaram: Fábio Bosco, da Conlutas; Murilo Magalhães, do Comitê Contra a Criminalização dos Movimentos Sociais; Jason Borba, da Apropuc; José Arbex, do Departamento de Jornalismo da PUC-SP; Aldo Sauda, correspondente internacional na Palestina; André Augusto Acler, do Comitê Editorial da Revista Luta de Classes e Soraya Misleh, do Movimento Palestina Para Todos.

IMPERIALISMO E REVOLUÇÃO

No debate de terça-feira a questão do imperialismo contemporâneo foi abordada, visto que, com a socialização do processo de produção e com a dinâmica capitalista a partir de 1968, ano em que esses fatores se expandem mais, o imperialismo passa a estar calcado em bases neoliberais e a serviço do capital, promovendo, num contexto nacional, verdadeiros aprisionamentos à classe trabalhadora dentro dos espaços ditos democráticos.

Destacou-se muito o fato da ofensiva do Estado de Israel ao povo palestino não ser uma questão meramente territorial ou étnica, mas de classe, pois a opressão dos trabalhadores leva à opressão nacional. Portanto, a situação deve ser observada e tratada num âmbito internacional e de revolução, talvez até dentro de todo o Oriente Médio, como forma do proletariado se organizar.

INTERNACIONALISMO E RESISTÊNCIA

Uma análise voltada para a resistência tanto no que tange a fatores nacionais, quanto internacionais, ficou a cargo do segundo dia de discussão. Foi dito que a limpeza étnica do povo palestino, que vem sendo feita há anos, e o verdadeiro regime de apartheid sustentado por Israel, devem ser combatidos com o fim desse Estado instaurado, para que a resolução do conflito aconteça de forma pacífica. Com uma política de solidariedade permanente com a Faixa de Gaza, com denúncias

ao que ocorre aos palestinos e com boicotes a Israel, o Brasil já pode traçar sua posição de apoio e de resistência internacional. Além da situação palestina, a normatização de massacres das populações pobres, negras e das periferias brasileiras foi lembrada também como forma de resistência, ressaltando a importância da luta pela desmilitarização da Polícia Militar, que promove genocídios diariamente.

Neste dia os reflexos do imperialismo também foram abordados, a fim de denunciar essa política sustentada principalmente pelos Estados Unidos, que compactuam com as ofensivas à Faixa de Gaza.

Essa potência que visivelmente encontra-se em decadência em âmbito militar, não consegue mais intervir em todos os conflitos regionais, confiando a tarefa a seus aliados, como o Estado de Israel, fixado em bases étnicas, teocráticas, antidemocráticas, de extrema direita e de políticas protofascistas.

PUC-SP concede título a D. Pedro Casaldáliga

Em sessão extraordinária do Conselho Universitário (Consun) realizada no campus Ipiranga, a PUC-SP concedeu título de doutor honoris causa ao arcebispo emérito de São Felix do Araguaia Dom Pedro Casaldáliga.

A trajetória de lutas de Pedro Casaldáliga, principalmente em defesa dos camponeses e índios da Amazônia durante e depois do período militar, justificou a outorga do título ao arcebispo, que foi idealizada pela Faculdade de Teologia.

A cerimônia teve início com a fala do índio Bruno Tserebutwe Tserenhimĩrã-mi, estudante do Projeto Pindorama da PUC-SP, que fez uma saudação a Pedro Casaldáliga em nome do povo Xavante. Em seguida o cantor Fernando Gianneti interpretou duas canções, a Missa Sem Males do próprio Dom Pedro Casaldáliga e o Pai Nosso dos Mártires.



O padre José Oscar Beozzo falou em nome do homenageado Pedro Casaldáliga

A figura ímpar de Pedro Casaldáliga foi ressaltada pelas falas do padre Valeriano Santos Costa, diretor da Faculdade de Teologia da PUC-SP, padre Antonio Manzatto, professor da PUC-SP, Dom Milton, representante das pastorais sociais da Igreja, e a própria professora Anna Cintra, que dirigiu o ato. Também estavam presentes à cerimônia dois outros religiosos também contemplados com o título de doutor honoris causa pela PUC-SP, o frei dominicano Carlos Josaphat, e o padre Julio Lancellotti, da Pastoral de Rua de São Paulo.

RELATO EMOCIONADO

Por motivos de saúde o homenageado não pode comparecer e foi representado pelo padre José Oscar Beozzo, que recebeu o título em nome de Pedro Casaldáliga.

Em uma fala muito emocionada, padre Beozzo relatou aspectos importan-

tes da vida de Casaldáliga. O mais emocionante deles foi o relato da morte do padre João Bosco Penido Burnier em 1976. Ao ser informado que duas mulheres estavam sendo torturadas na delegacia local, Casaldáliga dirigiu-se até lá acompanhado do padre Burnier. Após forte discussão com os policiais, o padre Burnier ameaçou denunciá-los às autoridades, sendo então agredido e, em seguida, alvejado com um

tiro na nuca. Segundo o padre Beozzo, os policiais confundiram Burnier, que tinha uma estatura grande como o franzino Dom Pedro Casaldáliga. Após a missa de sétimo dia, a população seguiu em procissão até a porta da delegacia, libertando os presos e destruindo o prédio. Naquele lugar foi erguida uma igreja.

Os oradores também destacaram a veia poética e literária de Pedro Casaldáliga que escreveu vários livros e compôs vários poemas, entre eles a Missa dos Quilombos, juntamente com Pedro Terra, musicada por Milton Nascimento. Em novembro de 1981 a obra foi apresentada no Recife, para um público de mais de oito mil pessoas. O ato religioso denunciou as consequências da escravidão e do preconceito no Brasil e se transformou numa cerimônia, a partir da atitude revolucionária de membros da Igreja em favor da introdução das referências culturais de diferentes povos na eucaristia.

FOTOS: ACI/PUC-SP



O índio Bruno saúda Pedro Casaldáliga em nome do povo xavante

FORTALEÇA A LUTA DOS PROFESSORES ASSOCIE-SE À APROPUC

Basta entrar no site www.apropucsp.org.br, escrever para apropuc@uol.com.br, telefonar para 11 3872-2685 ou inscrever-se na sede da entidade, à Rua Bartira 407

Defenda seus direitos

FALA COMUNIDADE

E São Paulo fez, novamente, o que faz de melhor: expulsar pobre

Leonardo Sakamoto

Foram bizarras as cenas de violência policial contra os sem-teto na desocupação de um prédio, na região central de São Paulo, nesta terça (16).

Daí, dou uma fuçada na rede e vejo que há muita gente defendendo o que houve. Dizendo que a pancadaria foi justa (pancadaria, sim, porque não existe confronto possível entre bombas e balas e paus, pedras e móveis usados). Ou que os sem-teto estavam "pedindo" para apanhar ao ocuparem um edifício.

Quando vejo pessoas ocuparem um prédio ocioso, não consigo deixar de ficar feliz porque aquele imóvel, finalmente, poderá ter uma função social. Com exceção do dono do prédio, de outros donos de edifícios ociosos e de seus representantes políticos, legais e econômicos, ou das pessoas que pertenciam às mesmas classes sociais desse pessoal já citado ou que é por eles pagos para defender seus interesses, é difícil entender a razão de ter gente que sai atacando uma ocupação de sem-teto como essa, fazendo o papel de soldadinho não-remunerado.

Vou dar um exemplo que já trouxe aqui. Atenção para a declaração abaixo:

"Trabalhei a vida inteira e nunca tive uma casa própria. Agora, vem um bando de desocupado e invade um prédio para chamar de seu? A polícia tem que descer o cacete nesse povo para aprender que patrimônio só surge do suor e do trabalho."

Nada como uma socieda-

de doutrinação para servir de cão de guarda, não? Já eu prefiro esta versão mais sincera:

"Se eu sou um covarde e não tenho coragem de lutar pelo que acredito ser uma vida digna, permanecendo na ignorância (que é um lugar quentinho) e preferindo ruminar silenciosamente entre os dentes a minha infelicidade, quero que o mundo faça o mesmo."

Vocês acham realmente que basta trabalhar e estudar para ter uma boa vida e que um emprego decente e uma educação de qualidade, que podem propiciar alternativas de vida, são alcançáveis a todos e todas desde o berço? E que todas as pessoas ricas e de posses conquistaram o que têm de forma honesta? Acham que todas as leis foram criadas para garantir Justiça e que só temos um problema de aplicação? Não se perguntam quem fez as leis, o porquê de terem sido feitas ou questiona quem as aplica?

Então, saiba que sem essa vigilância invisível feita pelos próprios controlados (que não refletem, apenas repetem), é impossível um grupo se manter no poder por tanto tempo e de forma aparentemente pacífica como ocorre por aqui.

Bem, já coloquei aqui meu ponto de que acho que lançar famílias ao relento enquanto a especulação imobiliária corre solta é ridículo.

Mas há outra coisa importante. A polícia tem que ser mais fria que o cidadão em uma desocupação ou um protesto. Se a sua missão for garantir a segurança de todos, ela deveria cumprir isso evitando o con-

fronto. Engolindo mais sapos se for necessário, afinal ela não está em guerra com a sua própria gente. Muito menos em uma competição para ver quem tem mais poder.

Porque isso já deveria ser claro: o povo.

E, para isso, a polícia tem que estar preparada, principalmente psicologicamente. Mas não está.

Não, policiais não são monstros alterados por radiação após testes nucleares em um atol francês no Pacífico. Não é da natureza das pessoas que decidem vestir farda (por opção ou falta dela) tornarem-se violentos. Elas aprendem.

No cotidiano da instituição a que pertencem (e sua herança mal resolvida), na formação profissional que tiveram, na exploração diária como trabalhadores e na internalização de sua principal missão: manter o status quo.

Investido de poder para cumprir essa missão, o policial aprende a não ser contrariado ou atacado. Foi hostilizado por famílias que não têm nada, nem onde morar, revoltadas por estarem sendo colocadas na rua? Manda bomba. Recebeu uma resposta atravessada em uma blitz? Esculacha. Achou que a presença da imprensa é uma afronta à sua atuação como profissional? Atira bala de borracha.

O problema não se resolve apenas com aulas de direitos humanos e sim com uma revisão sobre o papel e os métodos da polícia em nossa sociedade.

E com mudanças políticas. Porque, por mais que a polícia faça o que quer, ela responde a ordens. E ordens de quem?

Setores da polícia estão impregnados com a ideia de que nada acontecerá com eles caso não cumpram as regras. Outra parte sabe que a mesma sociedade está pouco se lixando para eles e suas famílias, pagando salários ridículos e cobrando para que se sacrifiquem em nome do patrimônio alheio.

Parte da população apoia esse tipo de comportamento policial. Gosta de se enganar e acha que se sente mais segura com o Estado agindo dessa forma. Essas pessoas são seguidoras da doutrina: "se você apanhou da polícia, é porque alguma culpa tem".

E se não se importam com inocentes, imagine então com quem é culpado. Para eles, é pena de morte e depois derrubar a casa e salgar o terreno onde a pessoa nasceu, além de esterilizar a mãe para que não gere outro meliante. Enfim, mais do que um país sem memória e sem Justiça, temos diante de nós um Brasil conivente com a violência como principal instrumento de ação policial.

Ou talvez isso nem seja um problema, não é? Afinal, com algumas exceções, isso é uma briga envolvendo pobres (policiais) contra pobres (quem é baleado ou é mandado para a cadeia).

Que já é muito útil normalmente para manter as coisas como estão. Em período eleitoral, então, nem se fala.

Leonardo Sakamoto é professor do curso de Jornalismo da PUC-SP. O texto acima foi escrito originalmente para o Blog do Sakamoto <http://blogdosakamoto.blogosfera.uol.com.br>

GAUCHE NA VIDA

Dirceu Travesso, ou melhor, Didi (1959/2014)

Y en nosotros nuestros muertos, /pa' que nadie quede atrás
Atahualpa Yupanqui

Valerio Arcary

Foi hoje de manhã que o telefone tocou.

Antes de atender, eu já senti a má notícia.

Há quatro anos que a esperava. Didi nos deixou.

Ficamos mais sozinhos. Nosso mundo ficou menor, ficou mais triste.

Ele era um gigante. Avassalador. Tudo no Didi era intenso e ardente. Era um forte.

Um dos homens mais corajosos que conheci.

Sabia ser impetuoso, sem ser excessivo, arrebatado sem ser rude, enérgico, sem ser invasivo. Tudo no Didi transbordava.

Ele era aquele que estava sempre animado, tinha a força de uma paixão insaciável pela vida. Porque o Didi só sabia viver assim, oferecendo o coração na mão, para que todos pudessem dividir com ele o mesmo sentimento pela vida.

Sim, foi há quatro anos, um domingo de novembro, no último dia de uma reunião nacional que o Didi passou mal e foi internado. Almoçamos juntos nesse dia.

Quatro dias depois, a primeira operação.

O câncer não diminuiu suas forças, elas aumentaram. Ele o desafiou dia após dia, como se cada dia fosse o último, com uma espada na mão, porque era um guerreiro. E os guerreiros não se rendem nunca. Lutam até o último suspiro.

Didi viveu uma história de amor com o futuro. E os enamorados são teimosos, não se dobram, acreditam sempre. Não importa quão difícil seja a situa-

ção, sabem que ainda é possível.

Didi sabia que era possível. Despertou muito jovem para a causa socialista e, desde os primeiros anos, uniu-se aos internacionalistas. Abraçou a Convergência Socialista e a Quarta Internacional como o seu partido. Ajudou a construir o PT durante doze anos, e desde 1994, esteve engajado com o PSTU e a LIT/CI.

Olho para trás, para o dia em que o conheci, há trinta e cinco anos, quando ambos militávamos no movimento estudantil, e a luta contra a ditadura consumia todas as nossas energias. Didi ainda tinha um rosto de menino, em corpo de homem grande, e tinha uma postura e voz poderosas. Ele vinha da engenharia da Federal de São Carlos, eu vinha de Lisboa. A luta política nos fez ser adultos precoces. Antes dos 21 anos Didi já tinha sido enquadrado na Lei de Segurança Nacional.

O engajamento de Didi com a causa dos trabalhadores foi para valer. Abandonou o curso de engenharia e veio para São Paulo atuar junto aos bancários, que eram então centenas de milhares, e estavam na primeira linha da luta política contra a ditadura.

Didi sempre quis lutar na linha de frente. Foi sempre um valente.

Não temia o futuro, abraçava-o de braços abertos. Demitido dos bancos privados por três vezes, colocado em lista negra dos subversivos, dobrou a aposta. Uniu-se à classe operária. Foi para Volta Redonda, trabalhar em uma empresa de construção pesada dentro da CSN, uma das maiores siderúrgicas do Brasil. Em 1988 quando a fábri-

ca estava em greve, Didi foi um dos que resistiu à invasão das Forças Armadas.

Voltou para São Paulo, prestou concurso para a Caixa Estadual e nela permaneceu como caixa por vinte e quatro anos. Foi ativista em incontáveis greves das mais diferentes categorias, dirigente do sindicato dos bancários, membro da Direção Nacional da CUT. Didi foi um dos principais impulsionadores do processo que culminou na fundação da CSP/Conlutas. Dedicou os últimos anos à formação da Rede Sindical Internacional.

Cozinhava extraordinariamente bem. A feijoada dele era uma experiência virtuosa, magnífica, quase religiosa. No último carnaval, ele preparou uns camarões no alho e óleo e um arroz de polvo para mim e Su, e para o Zé Maria e Cláudia, e ficamos os quatro, com ele e Marta batendo papo durante umas horas, nos divertindo com as histórias incríveis que acontecem nas nossas vidas militantes.

A cada encontro nos redescobríamos nos olhos um do outro. Porque o Didi era um sentimental. Velhos camaradas, mas um tão diferente do outro. Abraçamos a mesma promessa, fizemos a mesma aposta, isso era mais que o bastante.

Didi era muito divertido. Me ajudou muitas vezes a rir de mim mesmo. É para isso que servem os bons amigos. Corintiano fanático vibrava como uma criança levada com o grito de guerra da Gaviões: "Aqui está um bando de loucos!" Adorava mexer comigo por causa de minha preferência palestrina.

É assim que quero recordá-lo. Rindo de nós mesmos.

Não sei como vamos seguir em frente sem ele.

Minhas mãos tremem, e mal consigo digitar estas linhas. Derramo todas as lágrimas, porque o coração aperta, e sinto medo. Porque o Didi era um dos que unia.

E nada é mais importante que a confiança entre revolucionários. Nada.

Mas seguiremos, porque levaremos sempre Didi conosco.

Olha só Didi, depois de tantos dias tão ensolarados nesta cidade, o céu ficou agora nebuloso e escuro. Que é como nos sentimos pela tua perda. Estamos de luto.

Vou sair de casa e ir agora para o teu velório naquela quadra dos bancários que era, também, a tua casa. Onde, por tantas vezes, a tua voz incendiou de esperança os bancários.

Seremos muitos esta noite, Didi. Os revolucionários vão comparecer para chorar a tua perda. De cabeça erguida. E amanhã estaremos na luta com as forças redobradas, multiplicadas. Teu nome estará para sempre em nossas bandeiras.

Vou para te dizer adeus.

Penso em ti, levo-te comigo, para que não me falem as forças.

Valerio Arcary é historiador e dirigente do PSTU

Nesta sessão, apresentamos pequenos textos críticos acerca das várias dimensões da vida humana. Se você tiver contribuições (no máximo 5.000 caracteres com espaços), mande ver.

MOVIMENTOS SOCIAIS



Ato no Sindicato dos Bancários homenageia Dirceu Travesso

Morre Didi, grande militante da esquerda no Brasil

Na manhã de terça-feira, 16/9, morreu Dirceu Travesso, conhecido como Didi, grande nome da esquerda brasileira. Há cinco anos o construtor da CSP-Conlutas, do PSTU e da Liga Internacional dos Trabalhadores lutava contra o câncer. Nos últimos anos Didi se dedicou à criação da Rede Internacional Sindical de Solidariedade e Lutas, que tem como objetivo o

apoio e a organização da luta dos trabalhadores em nível mundial.

Na noite de terça um ato de despedida foi realizado no Sindicato dos Bancários e contou com a presença de inúmeros companheiros de militância, amigos e admiradores de Didi. A Apuc lamenta essa grande perda da esquerda e se solidariza com todos os familiares e amigos.

Debate com jornalistas analisa Violência Urbana em SP

Na quinta-feira, 25/9, às 20h, o Quintal Amendola, localizado na Rua Carlos Rath, 142, no Alto de Pinheiros, recebe os jornalistas do Ponte - canal de informações sobre Segurança Pública, Justiça e Direitos Humanos - Bruno Paes Manso e Laura Capriglione, para um debate sobre Jornalismo e Violência Urbana. Os interessados devem enviar nome e telefone para o email quintalamendola@gmail.com, as vagas são limitadas.

Eventos lembram luta pela demarcação de terras indígenas

De 24 a 28 de outubro acontece em Olivença (Ilhéus/Bahia), o VI Seminário Internacional índio Caboclo Marcelino, para fortalecer e promover a luta pela demarcação de terras indígenas e a XIV Caminhada Tupinambá em memória aos mártires do massacre do Rio Curupé e ao Caboclo Marcelino. Mais detalhes das atividades em <http://seminariocaboclomarcelino.blogspot.com.br/p/programacao.html>.

Reintegração de posse é marcada por repressão da PM

Na manhã da última terça-feira, 16/9, a Tropa de Choque, a Rota, a Guarda Civil Metropolitana, os motociclistas da Rocam e a Força Tática, o que somado estimava cerca de 250 homens, promoveram uma ação de reintegração de posse do edifício de número 605, da Avenida São João, no centro de São Paulo. O prédio com 23 andares, arquitetado para abrigar um hotel, não era aberto há dez anos e foi abrigado por cerca de 800 habitantes sem-teto, que desde fevereiro estavam em busca de moradia. A ação foi ordenada pela juíza Maria Fernanda Belli, da 25ª Vara Cível de São Paulo, por intervenção do proprietário do imóvel, o empresário Ricardo Pimenta.

A operação se iniciou por volta das 5h30, com a chegada dos primeiros carros de bombeiros e, pouco depois das 9h, cerca de 20 homens da Tropa de Choque armados com cacetes e armas de balas de borracha invadiram o prédio, que foi batizado pelos moradores de ocupação São João, usando bom-

bas de efeito moral e de gás lacrimogêneo. A maioria dos moradores já tinha desocupado o prédio às pressas por medo da represália, principalmente idosos, crianças e mulheres. Mas umas 50 pessoas ainda resistiram dentro do edifício, mesmo com a entrada da Polícia Militar.

A função social de qualquer tipo de propriedade privada é assegurada pela constituição brasileira, que adverte que só assim o proprietário garante seu direito de ter, de fato, um imóvel ou terra. Portanto, o prédio da Avenida São João não foi indevidamente ocupado, visto que não cumpria sua função social.

Além de ir à contramão de um direito assegurado pela constituição, o Choque não poupou ninguém, o conflito se expandiu para além das paredes da ocupação São João, avançando para as ruas próximas, com bombas e tiros sendo arremessados para todos os lados e alvos. O combate chegou ao largo do Paissandu e à Praça Ramos de Azevedo, onde um ônibus foi incendiado.

USP aprova abono salarial dos trabalhadores

O Conselho Universitário da USP aprovou na terça-feira, 16/9, o abono salarial de 28,6% aos funcionários da instituição, com 64 votos a favor, 33 contra e duas abstenções. Na quarta-feira, 17/9, houve uma reunião entre a comissão de negociação da reitoria e o Sindicato dos Trabalhadores

da USP (Sintusp), para que o acordo do fim de greve seja discutido. O reitor Marco Antônio Zago defende a reposição de horas por parte dos funcionários, devido à greve. Na sexta-feira, 19/9, houve assembleia dos trabalhadores, a fim de decidir ou não pelo fim da greve.

ROLA NA RAMPA

Professora lança livro sobre inglês jurídico

A professora Luciana Carvalho, do departamento de Letras – Inglês, lançou na sexta-feira, 12/9, seu livro “Inglês Jurídico”, na Livraria da Vila, em São

Paulo. O livro é destinado a quem faz traduções de documentos jurídicos, com artigos da autora escritos para esclarecer o trabalho.



A professora Luciana no lançamento de *Inglês Jurídico*

APROPUC arrecada alimentos para vítimas de incêndio d

Os moradores a Favela do Piolho, vítimas de um incêndio de grandes proporções ocorrido em 7/9 sofrem com o descaso das autoridades e passam por enormes dificuldades. A APROPUC se junta ao esforço de outras entidades para tentar minimizar o sofrimento desta comunidade.

de. Nesse sentido iniciamos uma campanha de doação de roupas e alimentos não perecíveis, que devem ser enviados a partir desta semana para a sede da entidade, Rua Bartira 407, em horário comercial. Maiores informações podem ser obtidas pelo telefone 11 3865-4914.

AFAPUC pode parcelar honorários advocatícios

A necessidade de ser feito um levantamento sobre os valores referentes ao pagamento dos quinquênios levará o SAAESP e a AFAPUC a contratarem um perito contábil. O SAAESP estima em R\$ 200 o valor que cada funcionários terá de desembolsar com os honorários advocatícios. Porém a AFAPUC, juntamente com o Sindicato estudam a possibilidade de um parcelamento destes valores em folha de pagamento dos funcionários associados. Nas próximas semanas estaremos informando maiores detalhes sobre a questão.

Exposição sobre quadrinhos vai até 3/10

A exposição sobre quadrinhos continua até a próxima semana. Além das exposições e feiras de quadrinhos no saguão da biblioteca esta semana acontecem

a palestra de Alex Mir, no dia 23/9 às 19h e a oficina de Fanzine e HQ Até o dia 3/10 Ministrada por Gualberto Costa – editor, Dia 24 de setembro – 19h30 às 20h30

Unifesp arrecada fundos para estudantes processados

Os 27 estudantes da Unifesp que foram condenados por protestar, em 2007, pela construção de um prédio para a universidade, foram considerados responsáveis pela greve estudantil de cinco meses em 2012. Cada um dos processados poderá passar 15 dias em detenção ou pagar R\$724 para se livrar da pena. É

necessário arrecadar quase R\$20.000. Para contribuir, deposite qualquer valor em Caixa Econômica, Ag. 2167, OP 013, Conta 782-6, para o Comitê Estadual de Luta Contra a Repressão. Para mais informações, acesse www.facebook.com/pages/Comitê-Estadual-de-Luta-Contra-a-Repressão-SP.

PUC-SP perde professora de Psicologia

A PUC-SP lamenta a morte da professora Dra. Fulvia Rosemberg, do departamento de Psicologia, que lecionava na universidade desde 1984 e coordenava o Negri (Núcleo de Estudos

de gênero, raça e idade). A professora recebeu homenagens em Missa de 7º dia na quinta-feira na Capela da PUC e na sexta, em missa na Paróquia Nossa Senhora de Montserrat.

Debate A ESQUERDA E AS ELEIÇÕES

PCB - Mauro Iasi

PCO - Rui Pimenta

POR - Waldir Júnior

PSOL - Isa Penna

PSTU - Zé Maria

30/9 - 19h - auditório 333

Promoção APROPUC - Coordenação Profª Bia Abramides

Serão fornecidos certificados a todos os participantes